

---

## ENUNCIÇÃO

### Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRRJ

---

#### O espanto de ver Pandora

Luiz Otávio Mantovaneli\*

 <https://orcid.org/0000-0001-8409-5729>

**Resumo:** A expressão “*espanto de se ver*” ronda a apresentação de Pandora a deuses e homens, ocorrendo por três vezes entre os versos 575-588 da *Teogonia* de Hesíodo. É desse espanto que quero falar. Vejo aí uma mistura de encantamento e medo e como, segundo o mito, essa foi a reação imediata dos homens à mulher, desconfio que essa mistura de encantamento e medo esteja na base da relação do masculino para com o feminino. Uma vez que a narrativa do mito não fornece elementos suficientes para evidenciar esse espanto, pretendo recorrer a outras personagens femininas da mitologia grega, a algumas passagens da literatura ocidental, bem como ao cinema e à Psicologia contemporânea para defender meu ponto.

**Palavras-chave:** Hesíodo; Pandora; feminino; masculino; espanto.

**Résumé :** L’expression “*étonnement de voir*” entoure la présentation de Pandore aux dieux et aux hommes, se produisant trois fois entre les versets 575-588 de la Théogonie d’Hésiode. C’est de cet étonnement que je veux parler. J’y vois un mélange d’enchantement et de peur et puisque, selon le mythe, c’était la réaction immédiate des hommes envers la femme, je soupçonne que ce mélange d’enchantement et de peur est à la base du rapport entre le masculin et le féminin. Le récit du mythe ne fournissant pas assez d’éléments pour démontrer cet étonnement, j’entends recourir à d’autres personnages féminins de la mythologie grecque, à quelques passages de la littérature occidentale, ainsi qu’au cinéma et à la psychologie contemporaine pour défendre mon propos.

**Mots clé :** Hésiode; Pandore; féminin; masculin; étonnement.

---

\*Doutor em Filosofia pelo IFCS-UFRRJ; pesquisador do Laboratório Ousia/UFRRJ. Email: lomantovaneli@gmail.com

## **Introdução**

Terminada a feitura de Pandora, Hefesto levou-a até Zeus para que esse a apresentasse a deuses e homens. O impacto causado por Pandora foi descrito por três vezes, entre os versos 575 e 588 da *Teogonia*, pela expressão “espanto de se ver” (*tháuma idésthai*). É desse espanto que quero falar<sup>1</sup>.

Vejo nesse espanto uma mistura de encantamento e medo e como, segundo o mito, essa foi a reação imediata dos homens à mulher, desconfio que essa mistura de encantamento e medo esteja na base da relação do masculino para com o feminino.

Entretanto, se por um lado o relato do mito não fornece subsídios para dali trazer à tona esse espanto, por outro a própria mitologia grega já nos brinda com inúmeras divindades, como Hera, Palas Atena ou Ártemis, e heroínas poderosas, como Helena, Medeia ou as Amazonas, o que pode ser entendido como um ato falho de uma cultura marcadamente patriarcal e misógina, fazendo refluir esse misto de atração e temor persistente desde o primeiro contato visual com Pandora.

Pretendo então fazer recurso a algumas das muitas mulheres míticas gregas. Belas e poderosas, o que vale dizer espantosas, todas elas, mortais ou imortais, espelham algum aspecto de Pandora.

Para evidenciar que o espanto de se ver não ficou confinado à cultura grega antiga e que continua vivo ainda hoje, visitarei algumas passagens da literatura ocidental que vão de Homero a Mia Couto, passando por Cervantes, bem como fazer uma rápida incursão tanto ao cinema quanto à Psicologia.

## **O espanto de se ver**

Espanto é algo que tanto atrai quanto amedronta. Por outro lado, a visão é preponderantemente o primeiro contato que temos com as coisas novas e/ou inesperadas no mundo. Atração e medo parecem ser as forças que regem a relação do homem com a mulher.

---

<sup>1</sup>Uma vez que Pandora é o evento final de um mito extremamente complexo, do qual não poderei dar conta aqui, remeto a leitura a Mantovaneli (2013) e a Mantovaneli (2018), onde tive oportunidade de mergulhar mais fundo na questão.

É disso que quero falar, mas nunca sei exatamente como.

Se não fosse por Pandora, acho que não saberia nem por onde começar. Começo então acrescentando mais alguns detalhes da narração de sua feitura.

Hefesto misturou terra e água e modelou um rosto de deusa. Palas Atena, a grande tecelã, ensinou-lhe sua arte. De Afrodite, recebeu o dom de despertar desejo devastador. Atena adornou-a com belo cinto que lhe realça as formas, as Graças compareceram com colares dourados, as Horas trançaram flores em seus cabelos que serão recobertos por véu tecido por Atena. Hermes concedeu-lhe o caráter dissimulado, enquanto Pandora herdou a fala sedutora da divina Persuasão.

O toque final coube a Hefesto, que lhe ornou a cabeça com coroa dourada, na qual vão representadas as mais assombrosas criaturas que povoam tanto a terra quanto a nossa imaginação (*Os trabalhos e os dias*, v.60-80).

O que temos aqui parece mais com a preparação de uma noiva para o casamento e, na verdade, é o que é.

Temos aqui não a descrição de uma mulher. Hesíodo não dá nenhum detalhe sobre seu corpo, seu rosto ou feição. Pandora vem ao mundo para cumprir uma função determinada.

Em outro lugar, escrevi que no mito grego, e acrescento agora: *como nos demais*, a mulher foi feita para ser apropriada. Vê-la como coisa, talvez já seja uma manobra apaziguadora em face ao medo que vem junto com o espanto. Fico com a impressão de que o vestido de noiva cumpre antes a função de camisa de força. Ainda no texto citado, afirmei que dentro da narrativa do mito de Pandora, é possível enxergá-la como a primeira propriedade privada e fundamento das demais (Mantovaneli, 2018, p. 93-94). Encontramos aqui uma expressão dos fundamentos do patriarcado, onde a função precípua da mulher é gerar filhos.

Entretanto, a questão do medo incluído no espanto de se ver permaneceu encoberta enquanto me ative aos limites do relato de Hesíodo. Um dia surgiu-me a ideia, talvez por obra das Musas, de girar a lente do caleidoscópio da mitologia grega e observar suas belas mulheres, mortais e imortais.

O caleidoscópio é o instrumento de análise mais adequado para o caso, uma vez que a própria palavra, tomada diretamente do grego, significa “contemplar” (*skopéo*) “belas”

(*kalê*) formas (*eíde*). Além disso, o caleidoscópio nos permite, a cada giro na lente, observar a mesma bela forma sob um aspecto distinto. É disso que se trata. Cusei a entender que não estaria recorrendo a outras deusas para apresentar meu ponto, mas antes ressaltando a multiplicidade contida na unidade da primeira mulher.

Um passeio pelo panteão das mulheres míticas gregas revela que essa cultura produziu belas formas femininas tão poderosas quanto temíveis. Por uma questão de espaço, concentro-me aqui em Afrodite, Helena e Medusa.

### **Mulheres míticas gregas**

Dentre todas, Afrodite é especialmente próxima de Pandora. Hesíodo parece ver nelas uma relação onde ambas são modelo e nenhuma é cópia. Se Hefesto modelou em Pandora um rosto de deusa (*Trabalhos*, v.62-3), a deusa surgiu com os modos de moça: meiga e sorriso malicioso em rosto de menina (*Teogonia*, v.191-5 e v.205-6).

Gosto de imaginá-las frente a frente num espelho onde uma é o reflexo da outra e ambas são reais e uma só. Uma manifesta o feminino no Olimpo para os deuses e outra na terra para os homens.

Afrodite surgiu de um ato de violência terrível. Quando Krónos castrou Uranos, seu pai, lançou sua genitália à Terra. Do sangue que caiu na terra surgiram as Fúrias e os Gigantes. Do sêmen que caiu no mar, surgiu, da mistura de espuma de sêmen e de mar, a deusa que também se chama Chipre, pois foi esse o primeiro solo em que Afrodite pisou (*Teog.*, v.178-206).

Vered Lev Kenaan observa que Afrodite foi a primeira divindade a surgir com aspecto humano e a primeira a instaurar a beleza em um mundo povoado por seres de cem braços, gigantes e outros seres engajados numa batalha de Titãs (Lev Kenaan, 2008, p.25-31). Mais tarde o mito precisará produzir um *plot twist* para garantir a anterioridade do masculino com relação ao feminino, fazendo com que a mulher – Pandora – surja depois do homem para assegurar a precedência do masculino sobre o feminino.

O espanto da visão de Afrodite não foi testemunhado por nenhum homem, mas é vivenciado, por exemplo, a cada vez que se contempla, mesmo que em reprodução, o *Nascimento de Vênus*, de Botticelli, ou ainda a encenação desse quadro no filme de Terry Gilliam, *As Aventuras do Barão de Münchhausen*, onde Uma Thurman, aos dezoito anos,

encarna essa deusa moça meiga de sorriso malicioso emergindo da água emoldurada por uma enorme concha. Também ela, um espanto de se ver. Não pude me furtar ao prazer de dividir com vocês essa cena primorosa acessível através do link<sup>2</sup>.

O espanto de se ver a mulher está presente até mesmo quando a possibilidade de um encontro sexual está afastada, como é o caso de Helena na muralha de Tróia. Enquanto Helena caminhava ao encontro de Príamo, passou por um grupo de anciãos que, não frequentando mais os embates nem de Ares nem de Eros, estavam sentados e posicionados para assistirem ao duelo. Ao vê-la passar, foram tomados, ou retomados, por aquele velho espanto perante a beleza feminina e comentaram entre si que tal beleza justificava todo aquele esforço de guerra, todas aquelas mortes, toda aquela devastação. Ouçamos o que disseram, na voz de Haroldo de Campos (*Ilíada*, 3. 153-160):

Ninguém de nós se indigne se Tróicos e Dânaos,  
belas cnêmides, tantos (tanto tempo!) males  
sofram por uma tal mulher! Diva imortal  
assemelha, *terrível de beleza!* Volte,  
não obstante, aos seus, poupando-nos da ruína!

O espanto de se ver ainda é capaz de (co)mover até mesmo homens impotentes.

Antes de seguir, abro parênteses para dizer que há muito mais para dizer de Helena do que será dito aqui. Por ser a mais bela das mulheres, figuro-a imagem e semelhança de Pandora, o que vale dizer, imagem e semelhança de Afrodite. Tenho a impressão que as três formam a trindade feminina, onde cada uma é também as demais e todas são uma só. O caleidoscópio ilumina a cada hora um aspecto do mesmo.

Foi moeda do suborno de Afrodite em troca do voto de Páris pela disputa de quem seria a deusa mais bela. Foi propriedade roubada a Menelau, o que deflagrou a Guerra de Troia. Foi o prometido troféu do duelo entre Páris e Menelau, abortado por Afrodite. Foi detestada pelas mulheres de Tróia, que choravam seus pais, filhos, irmãos e maridos, mortos por causa de uma mulher cuja beleza as ultrajava. Carregou em si o remorso por toda a destruição ocorrida por sua causa, remorso esse que ela expressou tanto na teia que teceu retratando os acontecimentos da guerra, quanto nas várias vezes em que se culpou de

---

<sup>2</sup><https://www.youtube.com/watch?v=iWiN2CDIkC4> em 26/08/2023.

tudo e chamou-se de cadela. Algo me diz que alguma coisa desse remorso assombra todas as mulheres, remorso, do qual não consigo, como homem cis-hétero, sequer vislumbrar.

Tudo isso fica para outra. Por ora, contento-me em ver Helena caminhando pelas muralhas de Troia, enquanto os velinhos embasbacados a viam passar.

É hora então do caleidoscópio iluminar o medo que o espanto suscita. Mais um giro na lente e chegamos a Medusa.

A apresentação que Hesíodo faz de Medusa (*Teog.*, v.274-81) é sucinta e confusa. Aqui somos informados que ela é uma da Górgonas, as outras sendo Estenó e Euríale, filhas das divindades marinhas Fórcis e Ceto e que ela era a única mortal de família de imortais. Afora isso, temos apenas que ela deitou-se com Poseidon num prado macio com flores primaveris e que teve a cabeça cortada por Perseu.

Segundo Ovídio (*Metamorfoses*, 4, 794 ss.), o que em Hesíodo parecia ter sido um encontro idílico, foi um estupro. Encantado com sua belíssima aparência – o que é outro modo de se dizer “espantado ante a sua visão” – Poseidon a estuprou às portas do templo de Atena. Em vez de (ao menos tentar) punir Poseidon, Atena expulsa Medusa do templo, transforma seus belos cabelos em serpentes e confere-lhe o poder de petrificar todo aquele que a encarasse.

Para conseguir matá-la, Teseu não só contou com o auxílio de vários deuses – dentre eles, o escudo de Atena, que mais tarde passaria a ter como efígie o rosto de Medusa – como também foi preciso que não olhasse para ela. Perseu matou-a pelas costas, enquanto dormia.

Abro aqui uma pequena digressão para explicar minha tradução do termo *thaûma* por *espanto*. Maravilha e assombro seriam duas opções perfeitamente cabíveis, entretanto a primeira parece acentuar mais o encantamento e a segunda o terror. Espanto parece soar mais ambíguo, podendo ser direcionado ora para um pólo, ora para outro. Medusa, ora encantadora a ponto de enlouquecer um deus, ora aterrorizante a ponto de paralisar de medo, deu-me não só a oportunidade de esclarecer esse ponto, como também de apresentar a amplitude do espectro possível de resposta do masculino perante a visão do feminino.

### **O espanto de se ver ao longo do tempo**

Tendo delineado o problema do espanto masculino perante a visão do feminino, bem como demarcado o espectro de reação que vai da violência do estupro à paralisação pelo medo, pretendo fazer um breve passeio por alguns textos da literatura ocidental, onde, independente de ordem cronológica, espero demonstrar que o espanto em questão não só perdura no tempo, como também admite as mais variadas nuances que não se esgotam nessa seleção.

NeferNeferNefer (que nome fantástico!), a cortesã de *O Egípcio*, de Mika Waltari (2007), virou a cabeça de Sinuhe, personagem central do livro. Sinuhe era filho adotivo criado por um casal nem rico nem pobre, que propiciou ao filho tornar-se médico ao tempo da ascensão ao trono do faraó Horemheb. Espantado com a beleza de NeferNeferNefer, Sinuhe não só vendeu todos os instrumentos cirúrgicos que seus pais lhe tinham dado, como findou por vender a sepultura deles, o que é o absurdo supremo para aquela cultura tão zelosa pela vida pós- morte.

*Femme fatale* típica, NeferNeferNefer atraía sobre si, além do séquito de espantados, o temor e os insultos de quem (ainda) não tinha cedido ao seu encantamento.

O efeito de sua beleza sobre Sinuhe parece ter sido similar ao sofrido por Poseidon com relação a Medusa, mas agora a reação é outra. Aqui é o próprio Sinuhe, bem como seus pais, que sofrem os efeitos deletérios desse espanto de se ver.

Nem só de *femmes fatales* vive Pandora. Mesmo quando não há nenhuma intenção de seduzir, homens continuam espantando-se (e destruindo-se) perante a visão da mulher. É o caso de Marcela, a bela camponesa que aparece em *Dom Quixote*, tomo I, capítulos 13-15. Além de bela, Marcela era órfã, rica e casta. Ao sentir despontar sua beleza, fugiu da cidade e retirou-se para os campos, onde foi ser pastora, convivendo apenas com outras pastoras, cabras e ovelhas, o que não impediu que um verdadeiro séquito de homens fascinados pela sua visão abandonassem as cidades das redondezas e virassem pastores para poderem ficar mais perto de Marcela, cada qual na esperança de ser notado por ela.

Crisóstomo foi um deles. Jovem, belo, rico e letrado, destacou-se dos demais por ter-se suicidado em face à sua invisibilidade aos olhos de Marcela.

Tal como se deu com NeferNeferNefer e com Helena, Marcela foi acusada, inclusive por mulheres, de ser a causa da ruína de Crisóstomo e de tantos outros, chegando mesmo a ser acusada de assassina.

(Acaba de me ocorrer que a morte de Medusa, do modo como se deu, é a cristalização simbólica de toda essa ira que é dirigida contra o medo causado pelo espanto de se ver a mulher, onde Atena figura como a participação do próprio feminino nesse linchamento).

Durante o enterro do jovem, no auge da comoção pela perda do amigo, e revolta contra a pessoa de Marcela, a própria chega para fazer a sua apologia. A lucidez do discurso de Marcela contrasta e supera o ambiente altamente passional que tinha se instalado.

Resumidamente (o que vai nublar a beleza de suas palavras), ela disse que não se via como culpada de absolutamente nada porque jamais tinha sido sua intenção despertar paixões em quem quer que fosse. Ao contrário, tinha-se retirado porque não desejava outra coisa que não fosse viver em paz. Além do mais, continuou, fosse ela feia e ninguém teria se encantado por ela nem, menos ainda, seguido seus passos quando ela decidiu viver nos campos. Por fim, deixou claro que a sua beleza, motivo de tanta desgraça, não se devia a nenhuma escolha dela e que, portanto, ela não podia ser responsabilizada. Estupefata, a audiência, que, registre-se, era composta também por mulheres que ecoavam as acusações contra Marcela, viu-se forçada a aquiescer.

Se há alguma causa para esses sucessos, essa não pode ser procurada em Marcela, mas em outro lugar e esse outro lugar são os outros.

Despeço-me de Marcela registrando que ela é, de fato, uma criação de Cervantes, portanto de um homem que há quatrocentos anos já apontava para os efeitos do que hoje se entende por masculinidade tóxica, bem como para o quanto os próprios homens são vítimas de sua masculinidade.

Quatrocentos anos!!

O espanto de se ver a beleza feminina também afeta aqueles que ainda não chegaram ao tempo da união sexual, como é o caso de Mwanito, o menino de *Antes de nascer o mundo*, de Mia Couto.

Mwanito vivia numa fazenda abandonada, com seu irmão mais velho, seu pai e um tio. Mais ninguém. Foram todos para lá levados pelo pai, que por causa de suas próprias questões de gênero, decretou o fim do mundo e isolou-se na fazenda. Como o mundo não tinha se acabado, um dia a fazenda foi invadida pela presença da mulher.

Em vez de narrar, prefiro, desta vez, deixar que Mwanito nos conte como foi.

Foi então que sucedeu a aparição: surgida do nada, emergiu a mulher. Uma fenda se abriu a meus pés e um rio de fumo me neblinou. A visão da criatura fez com que, de repente, o mundo transbordasse das fronteiras que eu tão bem conhecia.

(...)

Entontecido, senti a lágrima pesar-me mais que o próprio corpo. Foi então que escutei as primeiras palavras da mulher:

- Estás a chorar?

(...)

Sacudi, com energia, a cabeça. A confissão da minha fragilidade, pensei, apenas poderia encorajar as intenções da aparecida.

(...)

- Desculpe, a senhora é mesmo uma mulher?

A intrusa ergueu os olhos, feridos por uma dor antiga<sup>3</sup>. Demorou uma nuvem, sacudiu uma tristeza e perguntou:

- Por quê? Não pareço uma mulher?

- Não sei. Nunca vi nenhuma antes.

Aquela era a primeira mulher e ela fazia o chão evaporar. Passaram-se anos, tive amores e paixões por mulheres e, sempre que as amei, o mundo voltou a fugir-me dos pés. Aquele primeiro encontro marcou em mim, fundo, o misterioso poder das mulheres(Couto, 2009, p.123-5).

Fundamental para o meu ponto é que agora o medo que acompanha o espanto de se ver foi confessado: *A confissão da minha fragilidade (...), apenas poderia encorajar as intenções da aparecida*. Mais ainda, o primeiro encontro permaneceu como guia da relação com o feminino.

---

<sup>3</sup> Não será essa dor antiga uma herança do remorso que Helena expressou na sua teia e que parece afetar todas as mulheres? (novamente, me parece ser mais importante perguntar do que responder).

Não conheço e não consigo imaginar melhor tradução do *espanto de se ver* do que as palavras de Mwanito, mas uma vez que o personagem ainda era um menino, convido o leitor a transpô-las para outra representação artística do espanto de se ver a mulher.

Refiro-me ao filme *Lagoa Azul*, baseado no livro de Henry De Vere Stacpoole, ao que, por dever de honestidade intelectual, devo confessar que nem li este nem vi aquele. Entretanto, todos nós conhecemos o enredo, onde um menino e uma menina cresceram isolados numa ilha, só tendo um ao outro como companhia até que num dado momento, irrompe o espanto de se ver em meio ao cotidiano, mudando tudo.

Vimos até aqui que *o espanto de se ver* a mulher tem o poder de afetar negativamente homens sexualmente maduros quer ela “contribua” para isso (NeferNeferNefer), quer não (Marcela). Também vimos que o espanto de se ver afeta tanto homens já impotentes por causa da idade (Helena) quanto meninos impúberes (Mwanito).

Em *Lagoa Azul*, o *espanto de se ver* se dá exatamente no momento de “virada de chave”. O momento do abrupto ingresso na maturidade sexual é o instante simbólico onde “*A visão da criatura fez com que, de repente, o mundo transbordasse das fronteiras que eu tão bem conhecia*”.

É exatamente assim que entendo a aparição de Pandora. É claro que a mulher já estava lá. Não foi criada do barro (nem da costela), entretanto ainda não era percebida enquanto mulher porque nem mesmo o homem se percebia enquanto homem. O espanto do rapaz de *Lagoa Azul* nos faz reviver esse instante que nós mesmos já vivemos quando pelos nossos próprios hormônios, pela própria Natureza, nos damos conta de que há algo mais naquela menina com quem crescemos brincando juntos. A referência a Capitu é inevitável. Entretanto, do nosso ponto de vista não fomos nós que mudamos, foi o mundo que mudou.

Até então, diz Hesíodo, os humanos viviam *como se fossem* deuses e nem conheciam o trabalho. A terra lhes dava alimento espontaneamente e eles morriam *como se tomados pelo sono*. Viviam despreocupados, é o que nos conta Hesíodo na abertura do mito das raças, explicando como era a vida antes do terrível Banquete de Mecona. A chegada de Pandora não inaugura nada no mundo, mas antes é o desvelamento de tudo o que já estava lá.

Nesse quadro surge a mulher como portadora de vida e perpetuadora da espécie. Como antípoda de *Thánatos*, Pandora só pode surgir revestida de uma aura de *Eros*. Eis o espanto de se ver.

### **O olhar da Psicologia**

Esse espanto do qual estamos falando cristalizou-se por milênios e parece ter condicionado enormemente a reação do homem perante a mulher. Recentes estudos na área da Psicologia confirmam isso e cito aqui um que vai além do espanto de se ver e evidencia que até mesmo a expectativa de um encontro com uma mulher pode afetar para baixo o desempenho cognitivo de um homem. Esse estudo também é inspirado a partir de uma passagem literária, no caso, em *Ana Karenina*, de Tolstoi.

*The mere anticipation of an interaction with a woman can impair men's cognitive performance* (Nauts et als, 2011) é introduzido a partir da citação de um trecho dessa obra.

“O que você está fazendo? Qual é o seu problema? Relaxa, estúpido!”, é o que Nikolai Levin diz ao seu coração enquanto caminha ao encontro de Kitty, preocupado que estava em causar-lhe boa impressão, sem, entretanto, ser bem sucedido. De fato, ao chegar ao local do encontro, ele começa a corar e a gaguejar, sendo mesmo incapaz de reconhecer um amigo que passava por lá naquele momento.

Nikolai Levin estava então antecipando suas reações a um encontro que ainda não tinha se efetivado. Quando de fato a moça chega, ele já estava tão embaçado quanto os anciãos na muralha de Troia.

Esse foi o gatilho da pesquisa.

Esse estudo vem na esteira de vários outros anteriores que já apontavam para traços no comportamento masculino com relação à interação com o feminino que entram em diálogo com o que já vinha sendo levantado aqui através de textos literários. Dentre esses traços está a constatação de que homens são mais prováveis de erotizar situações, relativamente neutras do que mulheres, o que os leva muitas vezes a superestimar as intenções sexuais de uma mulher. Em consequência disso, são ativados sistemas de gerenciamento de impressão que sabidamente elevam os níveis de ansiedade, afetando o desempenho cognitivo.

O estudo em tela foi o primeiro a demonstrar que tal queda de desempenho cognitivo pode ocorrer mesmo na ausência de uma interação real.

O dia a dia oferece diversas situações onde homens têm a oportunidade de antecipar algum tipo de interação efetiva com uma mulher. Podem também antecipar uma interação parcial (pseudo-interações) com uma mulher, por exemplo, por meio de telefone ou de algum aplicativo, ou seja, eles não se encontrarão face a face com a mulher com quem deverão interagir.

Com isso, os pesquisadores levantaram a questão de se antecipações de interações e pseudo-interações seriam *capazes de causar a mesma queda no desempenho cognitivo dos homens já observada em outros estudos* citados na bibliografia desse trabalho onde a interação foi real.

O primeiro propósito da pesquisa foi o de examinar se há um decréscimo no desempenho cognitivo de homens após uma pseudo-interação com uma mulher na ausência de informações sobre ela, já que estudos anteriores demonstraram que homens tendem a perceber situações relativamente neutras já em termos sexualizados.

O segundo propósito foi o de investigar se o desempenho cognitivo dos homens decresce ante a mera antecipação de um encontro com uma mulher na mesma ausência de informações relatadas acima.

Para cada uma das situações, foi realizado um experimento específico.

Para a primeira situação (pseudo-interação) os participantes, todos homens adultos, jovens e heterossexuais, foram convidados a realizar uma determinada tarefa onde seriam avaliados por um observador. A única informação disponível sobre o observador era a de seus respectivos nomes que eram fictícios e marcadamente masculinos ou femininos. A proposta era investigar e mensurar a possível variação dos desempenhos cognitivos dos participantes, bem como se essa variação poderia ou não ser ligada ao sexo do observador.

Cada participante foi levado para um cubículo individual onde a tarefa seria realizada por um colaborador do mesmo gênero, para prevenir uma possível contaminação prévia. Quando no cubículo, o contato entre participante e observador deu-se por meio de uma janela de chat, onde só aparecia o nome do observador, ou seja, a interação entre ambos foi totalmente virtual.

Cada participante foi submetido ao Teste Stroop de Cores<sup>4</sup> antes e após a realização da tarefa para que se pudesse mensurar a variação de desempenho cognitivo.

Conforme esperado, houve significativo decréscimo no desempenho cognitivo entre os homens que foram observados por mulheres, ainda que a única informação de que dispunham era o seu nome. Não havia nenhuma foto na janela do chat, nem tampouco a possibilidade de contato por voz.

Para a segunda (antecipação), foi acrescentado um grupo de mulheres participantes para que se pudesse comparar a variação de desempenho cognitivo entre os grupos de amostras. Os participantes foram convidados a realizarem uma tarefa e foram conduzidos para o cubículo por funcionários do mesmo sexo.

Como esse experimento visava aferir a resposta à antecipação de um contato, os participantes realizaram o Teste Stroop de Cores antes de ouvir o nome do seu suposto avaliador e pouco tempo depois foram comunicados de que a tarefa tinha sido suspensa e foram submetidos ao segundo Teste Stroop.

Novamente conforme o esperado, os homens que receberam um nome feminino para seu suposto examinador variaram significativamente seu desempenho para baixo, o que não ocorreu entre as mulheres. Podem ocorrer variações para baixo, mas numa amostra estatisticamente insignificante.

Tanto os autores desse estudo, quanto os dos estudos por eles citados e constantes na bibliografia, concordam haver forte influência cultural condicionando de forma ainda indeterminada esse tipo de comportamento.

### **À guisa de conclusão**

Todos os fragmentos literários examinados aqui são inequivocamente verossímeis por reproduzirem situações facilmente encontráveis no dia a dia e demonstram que a minha suspeita inicial do medo subjacente ao espanto causado nos homens pela visão da mulher. Além do mais, os fragmentos selecionados estão em ressonância com os recentes achados vindos do campo da Psicologia ligado ao comportamento sexual.

---

<sup>4</sup> Explicação e demonstração da aplicação do Teste de Stroop de Cores disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Mbz05G9YCmE> obtido em 18/08/2023.

Não se pode concluir daí nada do que já não tenha sido concluído, ao menos para os endereçados imediatos desse texto, ou seja, que homens são profundamente afetados pelo contato ou até mesmo ante a expectativa de um contato com mulheres.

Também não chega a ser novidade que mulheres não manifestam esse tipo de afeto, ao menos não significativamente, o que novamente coloca literatura e ciência em consonância. Na literatura tais casos também são muito raros, onde o mais famoso é o do encantamento da ninfa Eco por Narciso (*Metamorfoses*, 3.339 ss.). Na verdade, Eco é o único caso que me ocorre no momento.

O propósito do texto é ajudar a esclarecer que o que está em jogo aqui é a reação mal gerida pelo homem ao impacto da visão da mulher e não que a mulher seja a causadora da reação. Entretanto não é assim que a sociedade tem percebido o fenômeno ao longo dos tempos, ao longo de milênios, o que torna ainda mais difícil a tarefa, mais do que necessária, de agir na sociedade no sentido de reverter esse quadro. Parece óbvio que o campo dessa ação é o da Pedagogia.

Não é meu propósito propor medidas para acelerar a conscientização dos homens quanto às suas relações com as mulheres, o que já está em curso em vários níveis e cito aqui as rodas de debates que têm sido oferecidas (e dado bons frutos) por algumas varas de família no país para homens envolvidos em casos ligados à Lei Maria da Penha.

Alguém poderá dizer que essas ações são poucas e que levam tempo para oferecer resultados, mas não se muda um quadro de milênios em poucas décadas. Estamos só começando.

Se meu texto puder contribuir para algumas das ações já existentes ou das que vierem a surgir, já terá cumprido o seu papel.

### **Referências bibliográficas**

CERVANTES, M. de. *El ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*. Ediciones. Barcelona; Dalmau Socías, 1987.

COUTO, M. *Antes de nascer o mundo*. São Paulo; Companhia das Letras, 2009.

HESÍODO. *Teogonia*. Tradução e introdução de Christian Werner. São Paulo; Hedra, 2013.

\_\_\_\_\_. *Os trabalhos e os dias*. Tradução, estudo e notas Luiz Otávio Mantovaneli. São Paulo; Odysseus Editora, 2011.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Haroldo de Campos. São Paulo; Mandarim, 2001.

MANTOVANELI, L. O. *Hesíodo e a conquista do discurso humano*. 2013, disponível em [https://www.academia.edu/7030060/Hesiodo\\_e\\_a\\_conquista\\_do\\_discurso\\_humano](https://www.academia.edu/7030060/Hesiodo_e_a_conquista_do_discurso_humano) em 29/05/2023.

\_\_\_\_\_. “A origem da propriedade privada no mito hesiódico de Prometeu e Pandora” in: *Anais de Filosofia Clássica*, 12(23):84-95, 2018.

\_\_\_\_\_. *Para uma compreensão de Esperança a partir de Hesíodo e Homero* (2018) disponível em <https://www.academia.edu/85853014/LuizOtavio> em 29/05/2023.

NAUTS, S., Metzmacher, M., Verwijmeren, T. *et al.* “The mere anticipation of an interaction with a woman can impair men’s cognitive performance” in: *Arch Sex Behav* 41, 1051–1056 (2012). Disponível em <https://doi.org/10.1007/s10508-011-9860-z04>

OVÍDIO. *Metamorfoses*. Tradução de Domingos Lucas Dias. Apresentação de João Angelo Oliva Neto. São Paulo; Editora 34, 2017.

WALTARI, M. *O egípcio*. Tradução José Geraldo Vieira. Editora Itatiaia, 2002.

Recebido em: setembro de 2023  
Aprovado em: outubro de 2023